



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

IZA MARIA LOPES DA SILVA

**A EXPRESSÃO DAS CORES E HISTÓRIAS QUE SALVAM VIDAS EM O VOO DA
GUARÁ VERMELHA**

SERRA TALHADA-PE

2023

IZA MARIA LOPES DA SILVA

**A EXPRESSÃO DAS CORES E HISTÓRIAS QUE SALVAM VIDAS EM O VOO DA
GUARÁ VERMELHA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof. Dr^a. Maria do Socorro Pereira de Almeida

SERRA TALHADA-PE
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586e Silva, Iza Maria Lopes da
A EXPRESSÃO DAS CORES E HISTÓRIAS QUE SALVAM VIDAS EM O VOO DA GUARÁ
VERMELHA / Iza Maria Lopes da Silva. - 2023.
43 f. : il.

Orientadora: Maria do Socorro Pereira de Almeida.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Letras, Serra Talhada, 2023.

1. Romance contemporâneo. 2. Cromatismo. 3. Contação de histórias. 4. Analfabetismo. 5.
Sociocultural. I. Almeida, Maria do Socorro Pereira de, orient. II. Título

CDD 410

IZA MARIA LOPES DA SILVA

**A EXPRESSÃO DAS CORES E HISTÓRIAS QUE SALVAM VIDAS EM O VOO DA
GUARÁ VERMELHA, DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora:

Prof. Dr^a. Maria do Socorro Pereira de Almeida

Monografia aprovada em: 30/03/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Maria do Socorro Pereira de Almeida (UFRPE/UAST)
(Orientadora)

Dorothy Bezerra Silva de Brito (UFRPE/UAST)
(Examinador 1)

Maria de Fátima Silva dos Santos (UFRPE/UAST)
(Examinador 2)

SERRA TALHADA-PE
2023

Ao meu noivo Alessandro Veloso, por todo apoio e paciência durante todo esse processo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus e a Maria Santíssima por terem permitido que eu chegasse até aqui e me sustentado diante dos meus medos e inseguranças.

Agradeço a minha orientadora Maria do Socorro Pereira Almeida por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa e por suas gentis considerações, com o seu compromisso em me orientar.

A todos os meus professores do curso de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco aqui da UAST pelos conhecimentos compartilhados e contribuíram para a minha formação.

Ao grupo PET- Conexões de Saberes/Comunidades Populares Letras UFRPE-UAST que muito contribuiu com o meu crescimento profissional me proporcionando experiências ímpares e por todo acolhimento.

Aos meus pais Maria Madalena e Francisco que todo seu amor e cuidado sempre estiveram ao meu lado me apoiando e rezando por mim ao longo de toda essa trajetória.

Aos meus irmãos Artur, Andrea e Socorro e sobrinhas que amo tanto e que dão sentido a cada batalhada enfrentada.

Ao meu noivo, Alessandro, por todo amor, compreensão, incentivo e paciência demonstrada durante todo o curso.

Não posso deixar de agradecer aos amigos e colegas de curso, em especial Carlos Samuel, Maria Vitória e Rita de Cássia pelos momentos de amizade e apoio oferecidos, pois juntos desde do início conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos.

RESUMO

O voo da Guará vermelha, romance escrito por Maria Valéria Rezende, publicado no ano de 2005, traz a essência das cores diante das mudanças dos sentimentos e emoções das personagens principais, Rosálio e Irene, apresentando essas personagens num cenário social em meio a exploração, exclusão e desrespeito dos seus direitos. Através das contações de histórias, ora beirando a fantasia, ora beirando o factual, podemos perceber a (re)construção identitária dessas pessoas ao longo do enredo. Em vista disso, este trabalho objetiva identificar os aspectos simbólicos das cores e sua importância na construção do enredo, o que nos direciona para um estudo semiótico, mas é objetivo, também, observar como se revelam os aspectos socioculturais que remetem às identidades dos protagonistas, refletindo sobre o papel da literatura diante do retrato sociocultural contemporâneo trazido pela obra rezendiana através de Rosálio e Irene. Diante disso, a metodologia consiste em pesquisas bibliográficas, com consulta a periódicos, revistas, livros e sites da internet. A pesquisa está teoricamente embasada em autores como Santaella (2007), Hall (2005), Candido (2006), Pignatari (2004); Pierce (2005); Possebon (2014), Guimarães (2004), Kandinsky (1996) entre outros que muito contribuíram para o desenvolvimento do estudo. Ao longo do estudo foi possível observar que as personagens nos despertam para um diálogo humanizador que reascende e pelo poder transformador da educação, mas nos alertam, também, frente às condições de pobreza e de exclusão social, problemas ainda emergentes em nossa sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Romance contemporâneo. Cromatismo. Contação de histórias. Analfabetismo. Sociocultural.

ABSTRACT

The “O voo da Guará Vermelha” novel written and published by Maria Valéria Rezende in 2005, brings the essence of colors in the face of changing feelings and emotions of the main characters, Rosálio and Irene, presenting them within a social context of exploration, exclusion and disrespect of their rights. Through storytelling, sometimes bordering on fantasy, sometimes bordering on fact, it is noticed the identity (re)construction of the main characters throughout the plot. Due to this, this work aims to identify the symbolic aspects of colors and their importance for the construction of the plot, which leads to a semiotic study perspective. Furthermore, to observe how the sociocultural aspects that refer to the identities of the protagonists are revealed, reflecting on the role of literature in the face of the contemporary sociocultural portrait brought by Rezende’s work, through Rosálio and Irene. In view of this, the methodology of this work consists on bibliographical research, with consultation of periodicals, magazines, books and internet sites, and it is theoretically based on authors such as Santaella (2007), Hall (2005), Candido (2006), Pignatari (2004); Pierce (2005); Possebon (2014), Guimarães (2004), Kandinsky (1996) among others who will greatly contribute to the development of the study. Throughout the study, it was possible to observe that the characters develop a humanizing dialogue that resurrects through the transforming power of education, but they also alert to the conditions of poverty and social exclusions, which stills being emerging problems to the contemporary society.

Keywords: Contemporary novel. Chromatism. Storytelling. Illiteracy. Sociocultural.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	ADENTRANDO A OBRA	10
3	UM OLHAR SOBRE A SEMIÓTICA.....	14
3.1	Análise semiótica em <i>O Voo da Guará Vermelha</i>	15
3.2	O Cromatismo em <i>O Voo da guará vermelha</i>	22
4	ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E O PAPEL DA LITERATURA EM O VOO DA GUARÁ VERMELHA.....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Maria Valéria Rezende, ao lançar o romance, *O voo da guará vermelha*, no ano de 2005, faz uma importante contribuição à literatura contemporânea brasileira por trazer uma escrita simples, personagens cativantes, carregados de dificuldades, perdas, embates, conflitos, persistência, entre outros aspectos, assim como um enredo cheio nuances cromáticas que remetem aos sentimentos expressivos e a situação existencial de cada personagem.

A obra narra as personagens num cenário peculiar da realidade social perante a exploração, exclusão e desrespeito dos seus direitos. Irene, prostituta, soropositiva, doente, cansada e desacreditada da vida. Rosálio, pedreiro, analfabeto, submetido a condições de trabalhos insalubres e análogas à escravidão. Seu maior desejo é aprender a ler, hábil e apaixonado por contar e ouvir histórias.

As cores denotam uma forte expressão em todo o romance, situando fatos, lugares, sentimentos, alguns delimitados pelos aspectos culturais inerentes a nossa cultura. Elas possibilitam nortear o leitor a reconhecer o amadurecimento e crescimento das personagens perante o meio no qual estão inseridas na narrativa.

Surge o interesse por analisar alguns elementos enredados na obra *O voo da guará vermelha* diante das inquietações acerca dos protagonistas, mediante a fatos recorrentes da contemporaneidade que o romance consegue estabelecer um paralelo entre o fictício e muito da realidade cotidiana na vida das personagens Irene e Rosálio, retratando determinados aspectos da sociedade brasileira marcados por espaços supressivos e determinados por um processo de segregação das condições socioculturais. Além de denotar a importância da literatura e seu universo vasto de possibilidades, considerando-a também como um campo humanizador e de cooperação, a obra introduz uma reflexão no que concerne a Ecologia Humana¹. Assim, também chama a atenção as cores dentro de todos os capítulos compondo

¹ Segundo Gregory Knapp (2018, p. 173) “La ecología humana es el estudio de las mutuas interconexiones entre las personas y su medioambiente, en múltiples escalas y múltiples periodos de tiempo. La materia es fundamentada por la teoría ecológica y evolutiva en biología y por los conceptos de paisaje y relaciones espaciales en geografía, y reconoce que los humanos han logrado gradualmente un dominio ecológico y geográfico parcial a través de determinadas disposiciones tecnológicas, sociales, económicas y políticas que son dadas por naturaleza, pero que cambian constantemente. La ecología humana incorpora a esas relaciones enfoques tan especializados como la ecología cultural, ecología política, geografía, antropología ecológica, sociología ambiental, economía ambiental, psicología ambiental e historia ambiental”.

significados e simbologias expressas no ambiente, nas roupas, nos objetos, nas memórias, nos sentimentos e nas sensações cambiantes das personagens principais.

A intenção desta pesquisa é compreender a relação do modelo fenomenológico de Charles Sanders Peirce acerca das cores que integram a narrativa no campo semiótico situado em *O voo da guará vermelha*, a fim de investigar a significação das cores no comportamento, situações e ambientes apresentados no romance. Com efeito, identificar os aspectos simbólicos das cores e sua importância no que tange o enredo da obra, além de abordar o papel da literatura diante do retrato contemporâneo trazido pela obra rezendiana através das personagens, como a importância da literatura oral e escrita que a narrativa fomenta, com vistas a observar como se revelam os aspectos socioculturais e a busca de identidade.

Diante disso, a metodologia consiste em pesquisas bibliográficas, com consulta a periódicos, revistas, livros e sites da internet. Em vista disso, este trabalho objetiva identificar os aspectos simbólicos das cores e sua importância na construção do enredo, o que nos direciona para um estudo semiótico, mas é objetivo, também, observar como se revelam os aspectos socioculturais que remetem às identidades dos protagonistas, refletindo sobre o papel da literatura diante do retrato sociocultural contemporâneo trazido pela obra rezendiana através de Rosálio e Irene.

Este estudo apresentou o *corpus* desta pesquisa, *O voo da guará vermelha* (2014), em seu discurso literário apresentando as personagens, seus problemas e sonhos. Contemplando ainda o primeiro capítulo traremos algumas considerações sobre a vida da escritora Maria Valéria Rezende. No segundo momento levamos em consideração a Semiótica desenvolvida pelo norte-americano Charles Sanders Peirce a partir dos estudiosos Peirce (2005), Pignatari (2004) e Santaella (2007); (2012) para fins duma análise mais elaborada do romance, conceituaremos a aplicação da semiótica na categoria fenomenológica de primeiridade, secundidade e terceiridade de Charles Sanders Peirce, situando as cores na construção das personagens diante do discurso literário.

Também será observada a contribuição das cores atentando para os sentidos e simbologia que elas expressam na narrativa e na mudança emocional dos protagonistas, Rosálio e Irene, para esse fim também adotamos Possebon (2014), Goethe (1993), Guimaraes (2004), Kandinsky (1996) com o propósito de apreender as formas de visão e interpretação cromática. Busca-se, também, com vistas a

observar como se revelam os aspectos socioculturais ao abordar as tensões sociais e os conflitos presentes no enredo, se fizeram pertinentes as colaborações de Candido (2004), Santos (2007), Hall (2005), Almeida e Azevedo (2019), entre outros estudiosos que forma pertinentes a elaboração deste pesquisa. Nesse sentido, observar a de alteridade por meio da literatura e como juntos resgataram seu lugar na sociedade em condição de liberdade diante das adversidades sociais e culturais.

2 ADENTRANDO A OBRA

Maria Valéria Rezende escreve, *O voo da guará vermelha*, obra contemporânea publicada em 2005, que traz uma linguagem poética, cromática, denunciatória e traz, de um modo muito natural e agradável, o resgate e a importância da contação de histórias. Diante disso, a literatura suscita conhecermos a sociedade e suas características formativas mediante a ficção, o enredo e as personagens participantes, elaborando uma ponte de adequação à realidade que denotam.

Frente às temáticas em torno da pobreza e da exclusão social, problemas emergentes em nossa sociedade contemporânea, temos as personagens centrais Irene e Rosálio da Conceição. Estruturado em dezessete capítulos, com os títulos reportados por cores, sendo: cinzento e encarnado, verde e negro, roxo e branco, ocre e rosa, amarelo e bonina, verde e ouro, vermelho e prata, ouro e azul, encarnado e amarelo, verde e ocre, alaranjado e verde, azul e amarelo, ocre e ouro, azul e encarnado, cinzento e todas as cores, vermelho e branco e azul sem fim.

Neste romance o narrador é identificado como onisciente, empregando um discurso indireto e autônomo de maneira que as falas das personagens se mesclam à do narrador, por conseguinte, a escrita do romance é identificada pela catártica em meio aos contos proferidos: “Das fomes e vontades do corpo há muitos jeitos de se cuidar porque, desde sempre, quase todo o viver é isso, mas agora, crescentemente, é uma fome da alma que aperreia Rosálio, lá dentro, fome de palavras, de sentimentos e de gentes [...]” (REZENDE, 2014, p. 9) Assim, inicia-se a obra, com o narrador descrevendo as sensações sentidas por Rosálio da Conceição, perdido na cidade grande em meio aos trabalhos de pedreiro, apetitoso por conhecer as palavras, almejando aprender novas histórias e sair da condição de analfabeto. Sai para a cidade com seu caixote cheio de livros, carregando consigo essa herança deixada

pelo índio que o criou. Rosálio sai procurando cores, pessoas que pudessem ensiná-lo a ler, pois a única cor que conseguia enxergar era o cinzento, tudo ao seu redor tinha essa cor.

Com medo de perde-se na cidade sem cores aos seus olhos, deixa pedras de brita pelo caminho. Ao longe avista a cor encarnado, é Irene vestida de encarnado, uma mulher que luta para sustentar o filho. Ela está amargurada, fadigada, carregando em seu corpo o vírus do HIV, doença adquirida em seu trabalho como prostituta. Em virtude dessa situação, a frequência de clientes diminuía, eles querem ter relações sem camisinha, mas ela não quer transmitir o vírus. Num dia de domingo, olhando da porta do seu local de trabalho, visualiza um homem vindo em sua direção, carregando uma caixa, anima-se, pensando ser um cliente, ele não irá se importar em usar camisinha.

Irene chama Rosálio para dentro do seu quarto, ele, sem entender muito o que estava acontecendo, deixa-se levar pelos serviços da mulher. Finalizado o trabalho, Irene cobra a Rosálio o que lhe é devido. Ele sem ter dinheiro algum no bolso, devendo o feijão comido no trabalho, fica aflito sem saber como irá pagar, observando a angústia no rosto de Irene e nos seus gestos, ela busca na caixa carregada por ele algum dinheiro, mas descobre apenas livros, tenta rasgá-los, mas o cansaço a impede e chora apoiada sobre o peito de Rosálio. Ele lembra-se de uma triste cena experienciada no passado, quando libertou uma Guará vermelha ferida, presa a uma rede de espinhos. Com o talento de contador de histórias acalmou a entristecida mulher. Ela gosta de ouvir o que Rosálio lhe conta e pede para ele voltar no outro dia. A partir desse dia eles se aproximam, num processo de assujeitamento, em condições sociais similares de marginalizados e excluídos.

Rosálio, gracioso com o uso das palavras, reproduz com a literatura oral vozes sociais de suas aventuras e desventuras presenciadas neste país. Irene viaja nessas histórias, conhecendo novos mundos, pois as contações feitas por Rosálio lhe fazem desprender das inquietações do coração, submergindo em outro universo. Ambos num gesto de solidariedade e de amor, vão desamarrando os nós da solidão, da pobreza, do exílio e da segregação que parece jogá-los continuamente à margem da sociedade, tal qual enfatiza Boaventura de Souza Santos (2007) sobre as linhas abissais que dividem a sociedade e impõem condições e expressões de vidas. Linhas

fronteiriças que dividem mundos diferentes que ocupam espaços de vida e de morte em um só lugar, a exemplo das favelas dentro das cidades.

Irene registra em seu caderno, guardado debaixo do colchão velho, resplandecendo um íntimo desejo de infância de ser professora, despegando da situação de prostituta por alguns instantes e se identificando como professora e escritora, encontrando nas maravilhosas emoções e perspicácias contadas por Rosálio, uma forma de ensinar este homem a ler, assim, facilmente, ele conhece as palavras e se reconhece nas palavras e nas histórias como sujeito.

A condição calamitosa posta a Rosálio desde a infância, como órfão, sem registro civil que lhe garantisse um nome e sobrenome, impossibilitado de frequentar a escola por não ter esse documento básico, precisou, na adolescência, sair de sua terra e de suas origens para percorrer outras cidades e estados, conhecendo novas pessoas. Diante disso, novas narrativas de sua vida são construídas, deparando-se com situações de ardil opressão, submetido a trabalhos abusivos e escravistas que acinzentaram a vida desse pedreiro que, defronte as diversas profissões, tem sede de conhecer as palavras escritas.

Esse enlace metafórico, atribui à Irene a comparação com a ave guará vermelha, figura representativa, simbolizada pela cor vermelha, da qual o título se origina, posicionando as cores, inclusive nos capítulos da obra (exceto o último, por razões de significação). As cores funcionam como ferramentas enoveladas em duos cromáticos que permite instigar o leitor a buscar na tecedura do romance, o exercício compositivo/interpretativo desempenhado por certas cores. Em todo transcorrer vai-se desembrulhando cores, despertando um meio dinâmico de intuição de leitura, em razão de tentarmos deprender automaticamente o texto, antecedendo a leitura em virtude das cores que abrem os capítulos. Portanto, na trama percebe-se linhas intertextuais, mediante contos clássicos como *Dom Quixote*, *Mil e uma noites*, livros transportados por Rosálio para qualquer lugar que ele vá.

Maria Valéria Rezende, nesta obra, apresenta uma perspectiva cromática comovente, posto como o ser humano é capaz de ascender aos episódios mais inquietantes de sofrimento. Unidos, não apenas por infortúnios sociais, mas, também, pelo amor, na vida dos personagens, que ressignifica seus valores representados nas palavras e nas histórias contadas por Rosálio e pelas lembranças reascendidas em Irene.

Visto isso, a autora vem se consagrando como uma das maiores escritoras da contemporaneidade, nascida no ano de 1942, entrou em 1965 para a Congregação de Nossa Senhora, Cônegas de Santo Agostinho. Dedicou-se à educação popular como freira missionária. Começou a trabalhar primeiro em áreas periféricas de São Paulo e em 1972, mudou-se para o Nordeste, exercendo sua missão social no meio rural, inicialmente em Pernambuco e depois desloca-se para João Pessoa, onde reside até o presente momento.

A autora abriu suas portas para o mundo ficcional em 2001, com a publicação do livro *Vasto mundo* e também escreve livros infantojuvenis. Maria Valéria Rezende, em virtude de ter conhecido de perto as mazelas do analfabetismo, atuou na educação de jovens e adultos em lugares esquecidos do Brasil por onde trabalhou e ainda trabalha, colocando nas obras muito da sua vivência como educadora.

Com efeito, usa de uma literatura simples, transitando entre o erudito e o popular, dispondo de tom descontraído, no entanto, atribui uma crítica social e política em suas obras, em especial *O voo da guará vermelha*.

Pela forte presença do cromatismo, as cores apresentam aspectos simbólicos, observado na citada obra, o fazer literário da autora em relação às cores e a relação delas com a vida, os espaços, as ações e os sentimentos dos personagens. Nesse sentido, no próximo tópico observaremos alguns meios de entender melhor as perspectivas semióticas.

3 UM OLHAR SOBRE A SEMIÓTICA

Conceituada como a ciência geral dos signos, a semiótica é uma ciência ampla, voltada para toda e qualquer linguagem, quer seja verbal, quer seja não-verbal, oral, escrita, desenhos, pinturas, gestual, corporal etc. Através dela conseguimos compreender os fenômenos a nossa volta, como por exemplo, uma batida na porta, um perfume, uma pintura, mediante a interação do homem com o mundo que o rodeia.

Fundada pelo norte americano Charles Sanders Peirce (1839-1914), formado em química pela universidade de Harvard, mas tido como filósofo e físico e considerado um dos pais da semiótica moderna. Em seus estudos semióticos ele objetivava estudar e examinar os fenômenos capazes de construir significação e sentido do pensamento.

Ela incorpora um campo de investigação imenso e labiríntico, levando em conta que trabalha com a vivência cultural, o contexto social, visual e outras linguagens. Empenhando-se em entender como o indivíduo constrói sua percepção a um determinado signo, além de tentar compreender de que forma decorre o método de significação de tal signo na linguagem.

Peirce (2005), organizou os seus estudos em três categorias fenomenológicas primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade caracteriza uma primeira sensação sentida, uma impressão sem nenhuma referência lógica, segundo Pignatari (2004), como “um modo ou modalidade de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem qualquer referência a outra coisa” (PIGNATARI, 2004, p. 43). A secundidade representa a nossa reação diante do objeto percebido na primeiridade, ou seja, refere-se ao “modo de ser daquilo que é tal como é, com respeito a um segundo, mas sem levar em consideração qualquer terceiro” (PIGNATARI, 2004, p. 43), ou seja, começa-se a ter uma representação que já permite a distinção do signo. Enquanto que na terceiridade, o objeto passa a ter uma representatividade, nos direciona a um pensamento completo, quer dizer, a compreensão desse fenômeno, “essa categoria traz a ideia de um terceiro mediador, que de acordo com Peirce, representa a mediação realizada entre aquela experiência de liberdade (primeiridade) com os fenômenos e os fatos(secundidade)” (MELO e MELO, 2015, p. 28).

Por exemplo, ao olharmos uma pintura em tela nos deparamos com riscos, cores variadas de forma abstrata e rápida, somos transportados para a secundidade

havendo dessa forma a noção das formas, do ambiente, os tons utilizados e as singularidades presentes nessa tela, identificando os signos ali presentes. Em face a primeiridade e a secundidade, a pintura adquire valor, os elementos que compõem a tela tecem sentidos, significados obtidos através das ideias, emoções ali contidas.

Dentro dos seus estudos Pierce classifica os signos numa primeira tricotomia: *representamen*, objeto e interpretante. Ao signo que se apresenta aos nossos sentidos é chamado *representamen* numa relação criada do signo consigo mesmo, à coisa que o signo representa é atribuído o nome objeto, numa relação do signo com seu objeto real, a ideia que temos do signo é a interpretação através da relação do signo com seu interpretante.

Nessa relação tríade pode-se exemplificar o *representamen*/signo palavra iluminação teatral, logo relacionamos as luzes utilizadas em peças teatrais, produzindo uma relação de sentido ao que se deseja transmitir durante as cenas, portanto, o objeto luzes teatrais, representa nos palcos, em determinadas situações cênicas, o estado de ânimo das personagens.

Ao projetar certas cores a plateia interpretará na luz de cor vermelha, por exemplo, tensão e paixão. Já as cores opacas dirigem para tristeza, o azul a tranquilidade e assim por diante. Diante disso, Santaella (2012) nos direciona à necessidade de ler imagens, as cores podem ser entendidas como imagens. Ao acessarmos esse conhecimento e florescermos a sensibilidade perante ele, então compreenderemos “[...] como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade.”(SANTAELLA, 2012, p.13) Aplicados a configuração das cores dispostas no romance.

No tópico seguinte nos deteremos a partir dos três fundamentos da teoria pierceana, baseados na primeiridade, secundidade e terceiridade, fazendo uma análise dos elementos presentes em *O voo da guará vermelha*.

3.1 Análise semiótica em *O Voo da Guará Vermelha*

A observação reflexiva de um texto pode ser caracterizada no emprego de símbolos que nele se desenvolve, dado a sensibilidade que a linguagem pode

provocar no leitor. Assim, será percorrida uma análise seguindo a proposta de Pierce, no que tange as categorias fenomenológicas universais: primeiridade, secundidade e terceiridade. “Elas se constituem, no entanto, nas modalidades mais universais e mais gerais, através das quais se opera a apreensão-tradução dos fenômenos” (SANTAELLA, 2007, p. 42).

Nesse sentido, cumpre notar a importância da comunicação e as inúmeras formas pelas quais ela pode se revelar segundo a autora:

[...] como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores. (SANTAELLA, 2007, p. 42).

Estamos imersos num mundo plural carregado de simbologias envoltos de todas as linguagens possíveis, formada por signos, este permite a comunicação entre os indivíduos. Considerando as cores como parte essencial do que sentimos, elas estão presentes na forma como enxergamos o mundo, quer seja psicologicamente, quer seja biologicamente. Goethe discute acerca das cores nas suas teorias, vale destacar a psicologia da cor, destacando o efeito sensível-moral delas, dessa forma, sobre o pensamento do autor, Possebon (2014) infere que “[...]as cores têm caráter próprio, que cada cor tem uma atuação característica sobre o psiquismo humano: elas nos causam estados anímicos específicos e provocam, em diferentes indivíduos, sensações, reações e comportamentos similares” (POSSEBON, 2014, p.15)

Isto leva Goethe a acreditar que “o fenômeno das cores surge porque possuímos olhos. O fenômeno olho surge porque existe luz.” (GOETHE, 1993, p.44). Nesse sentido, conforme Guimarães (2004), “a aplicação intencional da cor ou do objeto (considerando-se a sua cor), possibilitará ao objeto (ou estímulo físico) que contém a informação cromática, receber a denominação de *signo*.” (GUIMARÃES, 2004, p.15). Os signos também estão relacionados a elementos naturais e culturais. Dessa forma, além das cores podemos reconhecê-los em gestos, músicas, ruídos, cheiros, etc., podem relacioná-los a alguma significação a depender do contexto ao qual estão inseridos.

Diante disso, podemos perceber os signos em toda parte e buscar compreender os seus possíveis significados, descortinando e transpondo os limites

do código verbal. Nesse intuito, pretende-se buscar na obra literária, *O voo da guará vermelha*, a partir dos conceitos de primeiridade, secundidade e terceiridade.

Assim sendo, pode-se observar as sensações construídas, as reflexões envolvidas nesse processo, bem como as representações dos elementos constitutivos da narrativa e o eventual entendimento que aguça a nossa mente leitora para a materialização do livro na percepção e criação de signos e as possibilidades imaginativas.

Temos como primeiridade a possibilidade do leitor ser imerso num mar de impressões e sensações no que tange a obra. A capa impressiona à primeira vista, tomada pela cor vermelha, nos capítulos jogos de palavras de duas em duas, vendendo-as de forma natural, por inteiro sem fragmentá-las.

Por conseguinte, têm-se a secundidade, categoria da dualidade, do factual. Nesta etapa começamos a relacionar esses aspectos percebidos na primeiridade a uma leitura racional, repleta de signos manifestados pelos registros verbais e visuais.

Na capa produzida pela editora Alfaguara/Objetiva, publicada no 2014, em sua 2ª edição, têm-se a ilustração com imagens de penas que transitam entre as cores, encarnado e vermelho, remetendo a uma ave. Neste caso, o nome da autora Maria Valéria Rezende está posicionado na parte superior do livro e abaixo dele o título *O voo da guará vermelha* com a fonte em branco, gera um contraste significativo com o fundo vermelho. Posicionada na cor branca nos leva a querer saber quem é essa guará vermelha. Observemos a imagem abaixo ao termos na capa do livro elementos coloridos avista-se algumas características em seu design.

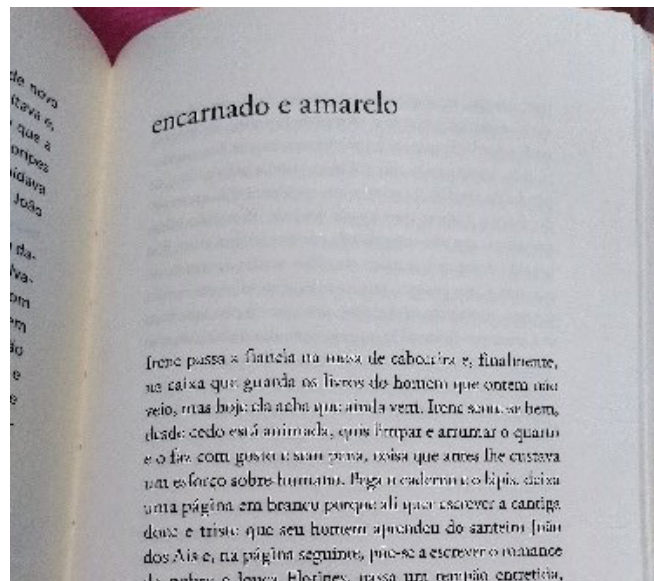
Figura 1 - Capa do livro *o voo da guará vermelha*, Alfaguara, 2014.



Fonte: Companhia das Letras, 2023

Tem-se ao olhar as percepções de alterações de fontes tipográficas. Observa-se neste romance a disposição das cores na narrativa, numa diversidade de cores, algumas facilmente reconhecidas, destacado no vermelho, verde, azul alaranjado, ouro, branco, preto e outras pouca vistas como o ocre e a cor bonina. Não sendo possível até aqui distinguir sua relação com a obra.

Figura 2- Título do capítulo *encarnado e amarelo*



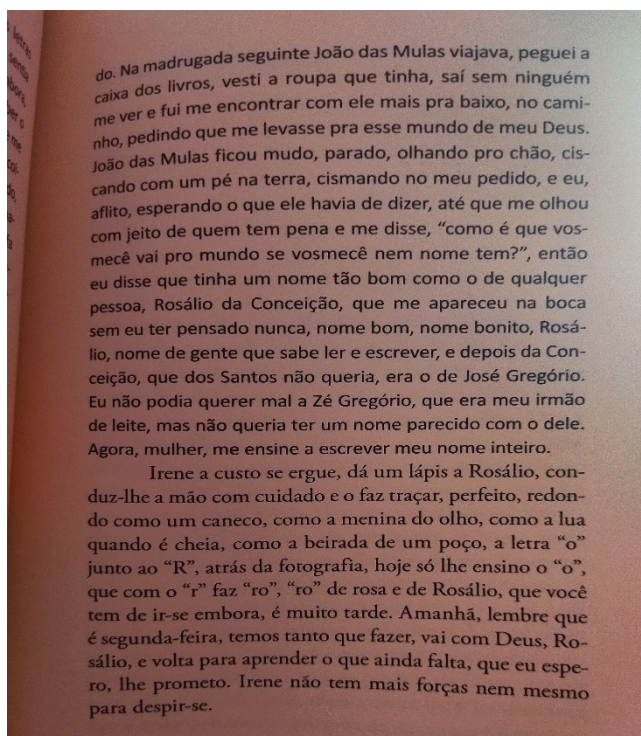
Fonte: *O voo da guará vermelha*, 2014.

Ao considerarmos as noções de terceiridade, correspondente à leitura propriamente crítica e analítica da obra, tomando significado, atribuindo um determinado sentido e valor. Sobre isso, Santaella (2012) diz que essa terceira fase “aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, por meio da qual representamos e interpretamos o mundo.” (SANTAELLA, 2012, p. 78).

Entre as páginas somos confrontados pelas percepções cromáticas relacionadas aos lugares, aos acontecimentos do passado, presente e futuro situados nas personagens protagonistas, Irene e Rosálio, distribuídos ao longo dos capítulos. Percebe-se, ao longo da narrativa, a composição de fontes tipográficas em diferentes situações dentro do romance. Certamente levando o leitor a diferenciar as histórias oralizadas por Rosálio, neste caso, através da fonte tipográfica *Calibri*, ocorrendo uma

modificação pela fonte tipográfica *Times New Roman* mediante a fala das personagens misturadas à do narrador.

Figura 3- Fontes tipográficas *Times New Roman* e *Calibri*.



Fonte: *O voo da guará vermelha*, 2014.

Proporcionando um resultado harmônico na composição interna do livro, além de tornar a leitura comunicativa e agradável.

O narrador inicia apresentando Rosálio como pedreiro, identificado pela descrição posta:

[...] as paredes de ressecadas tábuas cinzentas, os montes de brita e de areia, cinzentos, a enorme ossada de concreto armado, sem cor, os edifícios proibindo qualquer horizonte, um pesado teto cinzento e baixo, tocando o topo dos prédios [...] e isso é tudo que há para se ver, sem conhecer nascente nem poente, nem manhã nem tarde, tudo tão aqui, tão perto que a vista logo ali bate e volta, curtinha, sem se poder estirar mais longe, nem para fora nem para dentro, revolteando como passarinho há pouco engaiolado, afogando-se, cegueira (REZENDE, 2014, p. 09).

Nesse ponto, vemos um ambiente detalhadamente descrito que inspira nossa mente a construir cada figura representativa desse meio. Rosálio sente-se aprisionado à mesmice cotidiana, num ambiente frio, inóspito, simbolizado pelo cinzento/cinza de um modo negativo, envolvendo o leitor nas angústias sentidas por ele. Rosálio perde

a sua liberdade envolta da poluição, dos prédios, o cimento, o concreto, canteiro de obras, não avistando o céu, a pureza do ar, a beleza das cores, privando o seu imaginário. Essa grande e metafórica gaiola sentida por Rosálio bloqueia a sua sensibilidade, em virtude disso não “[...] consegue evocar histórias que o façam saltar para outras vidas, porque seus olhos não encontram cores com que pintá-las. Fome de verdes, de amarelos, de encarnados” (REZENDE, 2014a, p. 10).

Assim também conhecemos Irene, descrita como mãe, prostituta, sujeitada a pobreza e a falta de oportunidades, decerto desafortunada pelos desígnios da profissão carrega em seu corpo uma doença maligna, a Síndrome da Imunodeficiência Humana (AIDS), em virtude disso, sente-se aprisionada ao cinzento da vida.

Em contraste ao cinza, surge a cromática vermelha, atribuída ao encarnado, na figura de Irene e do seu primeiro encontro com Rosálio, “[...]a mancha vermelha em movimento, surpreendendo-o na dobra da esquina, luz, lufada de ar que alivia a garganta engasgada pelo cinzento, só depois vê a mulher dentro do vestido encarnado[...].” (REZENDE, 2014, p. 13) Essa cor enche os seus olhos e aquece o coração, pois a partir desse encontro há um despontar de novos desejos e possibilidades de sonhar, eclodindo sutilmente como cores de maneira singular em ambos os personagens:

[...] a metade de um sorriso aparecendo devagarinho na cara dela, a mão acenando repetidamente “vem, vem”, [...] cores desmaiadas, manchadas, mas cores, todas as cores, em trapos de vestir, em colchas e cortinas, almofadas desbotadas e bonecas estropiadas, nos restos de tintas e papéis nas paredes, em imagens de santos e tocos de vela, em flores de plástico, em bibelôs rachados, em frascos vazios de formas fantasistas, em potes e caixas com rótulos rasgados, cores de vida, fanada, mas vida, ainda pulsante, cores redobradas multiplicadas nos espelhos repartidos, no brilho dos retalhos de cetim e das franjas do abajur vermelho, coriscos de lantejoulas e miçangas esparsas naquelas coisas cansadas como a mulher, exaustas como se tivessem chegado ali ao fim de longas aventuras, sobreviventes, como Rosálio. (REZENDE, 2005, p.15-16)

Essa descrição, fomentada pelo narrador, demonstra a sensibilidade poética e visual provocada por esse primeiro encontro, leva-nos a perceber os detalhes, os espaços pelos olhos de quem vê, como uma tela ganhando cores pelo seu pintor. Elas traduzem não somente o ambiente de trabalho de Irene, mas vai construindo sentido para Rosálio.

Dentro de uma perspectiva simbólica o encarnado pode ser visto como a paixão, a completude que envolve Rosálio, de certo modo, o vermelho/encarnado

consegue nos conduzir a ideia dos processos aos quais dentro do enredo Irene foi compelida através da vida, paixão e morte. A cada encontro novas histórias são povoadas, conseqüentemente, conseguimos perceber a presença significativa de cores, muitas cores, presentes em todos os lugares de forma poética nos levando a liricidade do romance:

Vê, no cinzento de um muro, riscos vermelhos que trazem a marca da mão humana, [...] Vê folhas verdes curvadas por cima de um outro muro, o azul e o amarelo de umas roupas a secar, [...] vê cores por toda a parte, de uma bola abandonada junto da porta entreaberta, de uma pipa esvoaçando entre parede e parede, [...] também cores nas placas que ele antes nem olhava por medo de ficar tonto com aquelas letras todas, impossíveis de entender, que ele agora olha de frente, reconhecendo palavras, toma posse da cidade, avança seguro e alegre pelas ruas que temia, não ousava percorrer, já enchendo-se de gente, de gritos, vozes e risos que Rosálio reconhece, e desembocam na praça onde a vida e a cor explodem, é como estar numa feira, na festa de um padroeiro, num largo de romaria. (REZENDE, 2014, p. 13-14)

O elo entre Irene e Rosálio nos aproxima de suas intimidades e por ventura de suas descobertas, não somente a amorosa, mas a realidade material impulsionada pela literatura oral e escrita. A educação pelas vozes das personagens irradia uma crítica pertinente que extrapola o próprio texto. Rosálio para sentir-se aceito e respeitado pelo meio social, entendia a necessidade de aprender a ler e escrever, de frequentar uma escola. Irene na infância sonhava em ser professora, mas a precariedade de oportunidades a privou disso.

Nesse aspecto, compreendemos o espaço dado pela narrativa, à figura do professor, conseqüentemente a valorização do seu papel na sociedade. Rosálio atesta as dificuldades passadas pela professora Rosália em sua comunidade Grota dos Crioulos, assim conta que “Uma noite percebi que ela chorava baixinho, um choro triste, sentido, de cortar o coração, choro que se repetia toda noite, desde então.” (REZENDE, 2014, p. 53) Longe de casa, sofre as carências familiares, assim forçada a deixar o seu trabalho educacional na comunidade. Diante dessa situação, “Ninguém aprendeu a ler, não houve tempo pra isso. Quase tudo voltou a ser como sempre havia sido lá na Grota, o povo ficou na mesma, vivendo no realengo, “[...] nos lembrar todo dia que ali só havia analfabetos[...].” (REZENDE, 2014, p. 54).

É nessa visão, que somos, enquanto leitores, conduzidos a refletir a falta de comprometimento dos políticos com a educação, em especial com professores no

contexto escolar e social. Incidindo também em consequências desastrosas acarretadas pelas desigualdades sociais, exclusão, sofrimento, abandono e pobreza.

Nesse sentido, a literatura é capaz de demonstrar ao leitor a representatividade colocada na figura da professora Rosália, dado o personagem batizar-se como “[...] Rosálio da Conceição [...] nome bonito, Rosálio, nome de gente que sabe ler e escrever [...]” (REZENDE, 2014, p. 57). Em semelhança a professora que passou por sua comunidade, munindo desse elemento que reforça o discurso implícito como marca de sua luta pelo direito básico de aprender a ler e a escrever. Por sua vez, os livros podem-se relacionar ao processo de liberdade calcado pelos sentimentos que o movem indo em direção ao desejo de aprender a ler e permitir a elaboração de uma realidade nova, com vistas a desmudar as palavras e ascender socialmente.

Muitos são os olhares possíveis perante o romance, assim como relevantes para as situações descritas. As cores somam-se aos traços dominantes, nos conduzindo a uma dimensão de situações de miséria e de injustiças, diante de Rosálios e Irenes existentes nas margens do hegemônico. Neste contexto Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade* (2006), articula que diante do romance “[...] o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós.” (CANDIDO, 2006, p.19) Apontando para além da ficcionalidade literária, reverbera-se a denúncia de arbitrariedade sociais como analfabetismo, migração interna, exploração do trabalho escravo, prostituição, doença e pobreza. No entanto, ela nos abre para um diálogo humanizador que reascende.

3.2 O Cromatismo em *O Voo da guará vermelha*

A interpretação das cores é uma chave confeccionada pelo sujeito, sendo influenciada por aspectos como uma lembrança, um sentimento e/ou dada a sua intenção. Elas estão diretamente ligadas às perspectivas culturais, ou seja, se morre um ente querido costuma-se, especialmente as pessoas mais idosas, vestir-se preto em sinal de luto. Uma bandeira branca, simboliza a paz. Como também existem culturas em que se coloca o luto com a cor branca. A paixão, a sensualidade e outros aspectos costumam ser representadas com o vermelho a depender da cultura.

Percebe-se que nesta obra, esses aspectos não são ignorados, podemos observar as simbologias cromáticas nos aspectos culturais, nas lembranças das personagens, em roupas, num lugar específico, em ambientes, objetos, entre outros. Nós somos influenciados e até estimulados pelas cores, devido seus vínculos culturais, acontecimentos anteriores para a construção dessas ligações cromáticas. Nesse aspecto, Kandinsky (1996) coloca que:

à medida que o homem se desenvolve e se completa, aumenta o círculo de propriedades que ele aprende a reconhecer como próprio dos seres e das coisas. [...] Quanto mais cultivado é o espírito sobre o qual ela se exerce, mais profunda é a emoção [...] A cor provoca, portanto, uma vibração psíquica. E seu efeito físico superficial é apenas, em suma, o caminho que lhe serve para atingir a alma. [...]. (KANDISNKY, 1996, p. 66-67)

Mediante tais fatos, percebe-se que as cores podem provocar profundas sensações e podem ser representadas por meio de certas circunstâncias, conforme nos mostra Zylberglej (2017):

Um mesmo tom de vermelho pode ser erótico ou chocante, inoportuno ou nobre. Pode representar o amor, a paixão, e a raiva, o diabo. Toda cor tem seu significado. Seu efeito é determinado pelo contexto, e as pessoas que trabalham com as cores [...]. (ZYLBERGLEJD, 2017, p. 36)

Nessa percepção visual, Maria Valéria Rezende utiliza-se das cores, trazendo pistas recorrentes nos títulos dos capítulos, reproduzindo os sentimentos cambiantes das personagens ou das situações envolvidas. As cores estão presentes visualmente na capa e contracapa, chamando a atenção pela presença da coloração vermelha viva, remetendo a figura da ave guará, título da obra.

No sumário, encontramos os títulos dos capítulos descritos por cores, revelando no cinzento e encarnado, verde e negro, roxo e branco, ocre e rosa, amarelo e bonina, verde e ouro, vermelho e prata, ouro e azul, encarnado e amarelo, verde e ocre, alaranjado e verde, azul e amarelo, ocre e ouro, azul e encarnado, cinzento e todas as cores, vermelho e branco e, azul sem fim.

O enredo desses capítulos configura, em certos momentos, o estado físico ou psicológico das personagens. Para Kops (2019) “as cores nos proporcionam estados de ânimos específicos. As cores podem ser utilizadas para certos fins sensíveis, morais e estéticos” (KOPS, 2019, p.46). É interessante observar a forma posta, isto é, de duas em duas, como se tudo e todas as situações, pessoas e ações, tivessem, essencialmente, uma dualidade.

Rosálio, viajado, saiu de sua terra natal e foi para a cidade grande, aventurar-se, carregando o seu grande tesouro dentro de uma caixa de pau-d'arco. A ele foi atribuído a cor cinzenta, marcado pela solidão, ausência de cores ou de sentido para sua vida, Kandinsky diz que “[...] o cinzento é imobilidade sem esperança” (1996, p. 96). Contudo, ele transborda-se de força, resistência, quando se aproxima do encarnado de Irene, a sua guará vermelha, e consegue reacender as cores da sua vida.

Irene, prostituta soropositiva, carrega as agruras de sua profissão, o pouco dinheiro que consegue apurar usa para ajudar a cuidar de seu filho, sente-se infeliz pela situação a qual se encontra:

Irene, cansada, cansada, como custa esforço não pensar em nada! como custa afastar do pensamento a criança nos braços encarquilhados da velha naquele barraco fincado na lama, o papel amarelo com o resultado do exame, o médico falando, falando, falando, o tempo passando, passando, passando numa correria, quase todo dia já é segunda-feira, ir levar um dinheiro para a velha[...] (REZENDE, 2014, p. 11)

Rezende sugere dualidades cromáticas ao leitor, demonstrando essa relação de aproximação dos dois personagens. O cinzento expresso na personagem Rosálio, o encarnado ao vestido de Irene, Kandinsky (1996), atribui ao vermelho “tal qual imaginamos, cor sem limites, essencialmente quente, age interiormente como uma cor transbordante de vida ardente e agitada”. (KANDINSKY, 1996, p. 97). Cativo ao tom de cinza, “Rosálio vê primeiro a mancha vermelha em movimento, [...] a mão da mulher na dele, o corredor, o quarto, um cheiro de humanidade, antigo, múltiplo, concentrado, cores desmaiadas, manchadas, mas cores, todas as cores.” (REZENDE, 2014, p. 13)

Dessa forma, as cores voltam a romper os olhos e a alma de Rosálio, ele leva-se pelo momento, nesse encontro de corpos. Ela o faz lembrar-se da ave guará emaranhada num espinheiro e foge dele, mas de Irene ele quer cuidar:

Rosálio sente dó, tanto dó desta mulher! faz lembrar aquela guará, vermelha, de pernas longas e finas como caniços, que ele uma vez encontrou enredada nos galhos de um espinheiro, as penas ainda mais rubras, tintas de sangue, que ele soltou e quisera curar [...], mas esta não, esta vem cair no seu peito, não foge, Rosálio não deixa, faz dos braços cerca em volta dela, embala, devagarinho [...]. O coração, agora mais vermelho, lhe diz que amanhã mesmo volta. (REZENDE, 2014, p. 11)

Embora o vermelho da ave represente, num primeiro momento, o dessabor da personagem que testemunha a dor, a aflição e o sangue desse animal, ela transcende na imagem de Irene o redescobrimto das cores, do sentir o coração, dá ânimo e esperança as personagens e estimula suas emoções e também o imaginário e as lembranças de Rosálio na contação de história.

O verde, cor que Irene veste-se na expectativa de reencontrar aquele que acalmou seu coração, e que lhe traz amparo através de seus contos. Essa cor faz com que Rosálio retome as memórias de sua infância, a origem do lugar onde nasceu, a natureza e o seu enjeitamento social. Kandinsky afirma que “há no verde uma possibilidade de vida que falta totalmente no cinzento”. (1996, p. 91).

O negro coloca-se na narrativa como uma cor positiva ao verde, reafirma a esperança das personagens, em especial a de Rosálio ao perceber as letras escritas por Irene.

Rosálio [...] entra e enxerga, surpreso, as letras sobre o papel que a mulher está traçando, é como um sonho, um milagre, a voz cantante, contando, lendo para ele, o dedo apontando as letras, toda a história da guará. E ela sabe escrever!, esta mulher sabe ler!, leia mais, leia tudinho, me diga onde está “guará”, e agora onde está “vermelha” e “sangue” e “espinhos” e “penas”. (REZENDE, 2014, p. 20)

Aproximando Rosálio ainda mais de Irene, essa descoberta alimenta o seu espírito e dá sentido à possibilidade de Irene ler os livros guardados na caixa de paud’arco, além da expectativa de aprender novas letras negras escritas por Irene, com efeito diferentes histórias.

Rosálio sai de mansinho, levando a caixa de histórias que está um pouco mais leve, lançando um olhar sentido, talvez meio arrependido para a cama onde fica o livro, pensa em pegá-lo de volta, mas tem pena de acordar a mulher doente e fraca que quer lhe ensinar a ler, dirige um olhar comprido para o caderno da mulher, desejando as letras negras que guarda e que ele, Rosálio, já começa a desvendar. (REZENDE, 2014, p. 27)

Ambos constroem, naquele quarto de prostíbulo, um mundo literário de fantasias e de solidariedade, assim, por alguns momentos escapam da realidade cruel na qual estão na condição de oprimidos e marginalizados pela sociedade.

Na transição de capítulos, *roxo* e *branco*, a primeira cor do capítulo a revelar-se em Irene, é o roxo, a cor do vestido escolhido por ela. “Abre uma porta do armário, hoje quer estar bonita, escolhe o vestido roxo que há tanto tempo não veste [...]”

(REZENDE, 2014, p. 29) Cor que atíça a vaidade dessa mulher, uma cor intensa, remetida a sabedoria e a sensualidade.

O Branco é apresentado por Rosálio e segundo Kandinsky (1996): “age em nossa alma como silêncio absoluto [...] esse silêncio não é morto, ele transborda de possibilidades vivas” (KANDINSKY, 1996, p. 95). Nas recordações de infância, criado pela avó, o branco do choro de sua avó, a cegueira da velha, as nuvens brancas e leves no céu, o calção roxo de terra às vezes, outras bem branco. O silêncio da solidão e a possibilidade de um rumo próprio e certo, apontando para um outro mundo.

Com efeito, *ocre e rosa*, outro capítulo, o ocre em Irene advém do seu coração ao sentir-se incapaz de ser amada e querida por esse homem, devido a sua pobreza, a sua doença maligna, a aparência desgastada pelo HIV e a profissão de prostituta. A cor rosa simbolizada na colcha que a amiga de Irene, “[...] Anginha lhe emprestou para enfeitar um pouco o quarto [...]” (REZENDE, 2014, p.35), sobre ela Irene se debruça a espera do seu homem, transparecendo ao rosa a cor da beleza, do romantismo, do amor terno e carinhoso. Irene sobre essa colcha rosa, demonstra uma confiança por esse homem, desvelando sobre a morte de seu avô, da partida do irmão e do seu noivo Romualdo que foi servir ao exército, e assim rejeitada, foi parar nas ruas e depois no prostíbulo. E sobre a cor rosa, a colcha rosa permite a dormida de um homem

[...]vem-lhe o sono e se recosta sobre a colcha cor-de-rosa. Irene deixa-o dormir, por primeira vez na vida, permite que um homem fique dormindo na sua cama até o dia amanhecer, que seguiu sempre o conselho de Leonora, a puta velha que lhe ensinou o ofício e avisou que a pior coisa que podia acontecer para qualquer mulher da vida é deixar que um macho pense que ela não vive sem ele [...]. Mas, para Irene, esta noite, o chão de tábuas rachadas é como um leito de paina. (REZENDE, 2014, p. 39)

Os laços cromáticos estão a cada capítulo mais fortes, o entrelaçamento desses sujeitos, evidenciado nas cores *amarelo e bonina*, a buscarem o prazer de viver. “o sol já brilha lá fora, [...] Irene prepara café da manhã para Rosálio [...] estrela um ovo, mais outro, mais um terceiro, amarelo, e se sente outra pessoa. (REZENDE, 2014, p.41). O amarelo em Irene simboliza a prosperidade, a fartura, ao preparar o café da manhã: “[...] capa de coco ralado no creme farto, amarelo, abelhas zunindo à volta e três ovos [...]” (REZENDE, 2014, p.42), mas também a felicidade de ela estar com seu amado ali.

Aos nossos olhos, o amarelo pode transcender uma luz forte, refletindo toda a sensação sentida pelas personagens. O colorido da bonina reveste Irene das roupas até as unhas, remete-a aos tempos de mocidade, ainda pura e espera casar-se com Romualdo: “[...] tudo tão ligeiro e fácil como ela sonhara a vida quando a vida começava, antes de perder o avô, Simão, o saguí, Romualdo, ai!, Romualdo, que saudade!... tão bonito, Romualdo! [...]” (REZENDE, 2014, p.39)

Diante das cores *verde e ouro*, reflexo dos olhos verdes de Rosálio no coração de Irene, a esperança do amor verdadeiro. Dispondo do ouro dos cabelos da professora Rosália, o ouro marca a passagem de menino para o homem, o desejo carnal dele, a necessidade de trabalhar, a coragem de partir pelo mundo em busca do seu desejo de escrever e ler e, deixando de ser Nem-Ninguém, curumim para se chamar Rosálio da Conceição.

Todavia, no capítulo *vermelho e prata*, a primeira cor pode nos levar a dor de Irene, ao seu desencanto, não se sente digna de estar com Rosálio, dói pensar no futuro triste do filho, o vermelho aflora diversas emoções perturbadoras em sua consciência e nos seus desejos como mulher, inquirindo na condição existencial das personagens. Assim como tem seu caráter associado ao medo, a dor, ao cansaço, ao sofrimento, em Rosálio quando ele pula de dentro de um caminho por medo e sai caminhando sem destino algum, encontrando no caminho: “só garrancho e mato seco, tudo morto, descorado, nenhum bicho aparecia, [...]”, (REZENDE, 2014, p.61), cansado de caminhar sem rumo, sua vista avermelhou-se.

A cor prata, relativa ao encontro de Rosálio com João dos Ais de forma poética, numa mistura de sentimentos: “[...] um “ai”, que batia no meu peito, que respondia cá dentro, um ai de ave na mata, um ai de prata, e parecia que então, no meu lembrar e pensar, clareava alguma coisa e eu entrava mais um pouco na lição de João dos Ais.” (REZENDE, 2014, p.64), na combinação da prata com o vermelho sangue, suscitando o sofrimento em amar.

Capítulo tido como *ouro e azul*, a mistura de dois futuros, o desejo de Irene quando menina pelo casamento com Romualdo e o futuro a partir do presente com Rosálio. Ela:

[...], esquece o presente pensando no que virá, como quando se sentava à beira do rio da infância, ouro e azul-refletindo o céu e o sol da manhã, bem cedo ou do fim do dia, horas em que Romualdo não deixava de passar remando na corredeira, ida e volta do remanso onde pescava o sustento da

mãe e dos irmãozinhos, quando o tempo não contava e de futuro bastava a certeza de que ele vinha, cavalgando sua canoa, o peito e os braços nus também brilhando, dourados, dois futuros misturados nos pensamentos de Irene[...].(REZENDE, 2014, p.68)

É percebido no ouro, a figura sol configurando a alegria, o otimismo, a vivacidade emocional de Irene. O azul, simbolizado pelo céu, “[...]é a cor tipicamente celeste. Ela apazigua e acalma ao se aprofundar.” (KANDINSKY, 1996, p.92) num mesmo sentimento inspirado por ela, a pureza e leveza sentidas por Irene.

Considerando o efeito cromático utilizado no capítulo *encarnado e amarelo*, cores escolhidas por Irene. À medida que ela escreve sobre a história de amor de João dos Ais narrada por Rosálio, emprega nas cores do vestido de Floripes, mulher de João dos Ais, dando vazão as situações sentimentais de tais cores em oposição.

põe-se a escrever o romance da pobre e louca Floripes, passa um tempão entretida, inventa a cor do vestido de Floripes na janela, amarelo como a acácia chamada chuva-de-ouro, depois, no dia da festa, quando fugiu na garupa do tal sanfoneiro andante, veste a mulher de encarnado, cor de sangue e de paixão. (REZENDE, 2014, p.79)

Representando o *verde e ocre*, Rosálio traz para Irene o que lhe aconteceu assim que se despediu de João dos Ais, quando embarcou num caminhão de lona verde, na esperança de ir a algum lugar que ensinassem a ler. Mas, na desilusão do ambiente no qual estava preso, envolta da mata, sob trabalho escravo e em condições degradantes, narra sua decepção, do ambiente inóspito, incumbida na cor ocre, “[...] um mundo da cor da terra que tinham deixado nua, desvestida da folhagem[...].” (REZENDE, 2014, p.86) e a sua chegada no garimpo.

Vestida com a cor alaranjada, entra Anjinha, amiga de Irene e companheira de profissão. Nesse capítulo, *alaranjado e verde*, Irene está envolvida diante do choro de Anjinha “[...] descabelada, o vestido alaranjado todo pingado de lágrimas, imagem do desespero.” (REZENDE, 2014, p.93). Cor quente, que aparenta desejos negativos, acalmado pelo verde dos olhos de Rosálio, e pela história vivida/inventada. Esperançosa diz “[...]eu vou procurar um homem que saiba contar histórias, assim como tu, Rosálio, homem que fale comigo, que me trate como gente, e tenha os olhos verdes, de quebra, se for possível. (REZENDE, 2014, p.97).

Dirigindo-se no *amarelo e azul*, cores que findam as alegrias e sonhos das personagens. O amarelo, sensação de alegria transmitida aos olhos da protagonista ao verem o filho saudável. Esta cor é escolhida, também, numa das histórias que

Rosálio conta a Irene, do seu amigo Gaguinho, “[...]fazendo uns puxadinhos, pintou tudo de amarelo que era pra brilhar de longe[...]” (REZENDE, 2014, p.104). Temos a percepção que a cor estimula a sensibilidade da irradiação da luz, o brilho, a vida e a alegria. Enquanto o azul, tom encontrado nas palavras azul do céu e do mar, possuem a ação de relaxar, de gerar plenitude. “Gaguinho feliz feito um rei, com a sua Rita de Cássia, seus meninos, seu emprego, o teatro e a vista pro mar, não pedia mais nada a Deus.” (REZENDE, 2014, p.109).

A influência das cores, no capítulo *ocre e ouro*. A chegada de Rosálio ao garimpo, defronte ao ouro que idealizava

Pensei que eu ia viver num lugar todo dourado, que a terra fosse amarela e que brilhasse no sol, que se morasse em palácio igual ao que eu tinha visto só pela televisão, muro e telhado de ouro que de dia coriscavam que nem se podia olhar diretamente pra eles por perigo de cegar, que até a pele e o cabelo das moças que ali viviam fosse tudo cor de ouro. (REZENDE, 2014, p.116).

A cor ouro significada no prestígio, ao luxo e riqueza material, anseios de Rosálio, impedido pela realidade dos garimpos, manifesto na cor ocre “[...] o que encontrei, assim à primeira vista, foi quase de todo igual ao lugar de onde fugi, um povoado de barro, cheio de homens de barro, à beira de um rio de barro, no meio da mesma mata escura, quente e molhada.” (REZENDE, 2014, p.116-117).

A história experienciada por Rosálio e tantos outros se repete e se repete, arrematando na própria ruína. Nesse ocre, Rosálio via-se “tão só, sem família e sem amigos, sem esperança e futuro [...]” (REZENDE, 2014, p.119).

Irene sofre uma metamorfose de cores, *azul e encarnado*. Ela se despede das roupas do seu passado, ela sabe que “[...] saia florida, azul e encarnada, vai lhe escorrer pelas pernas e se amontoar no chão” (REZENDE, 2014, p.125), pelo avançar da doença e sente seu tempo de vida encurtando, doa as roupas de sua profissão para as colegas. Mas veste-se de cores novas, da história que começa ao lado de seu amado. Um presente de Rosálio, vestido alegre e colorido com flores vermelhas e azuis e bonito aos seus olhos. “Irene prova o vestido, adornado com babados dando-lhe corpo e presença, já nem parece tão magra, despeja sobre Rosálio uma cascata de beijos que termina num abraço em que os dois se tornam um só [...]” (REZENDE, 2014, p.127). Vale destacar que o azul representa também, nesse capítulo, o céu, a

pureza, a profundidade, do azul infinito do céu, sobre o qual Rosálio lembrou-se quando passeou a primeira vez de avião.

Cinzeno e todas as cores, o desembrulhar das cores dado ao contato de Rosálio com Irene, ao quarto de Irene, às letras que ele aprende, às palavras que reconhecem no caderno de Irene, em seus livros, à liberdade de não ser subordinado a ninguém, todos esses aspectos germinam aos olhos de Rosálio, equivalendo ao colorido da vida, dos lugares e dos sonhos. Com efeito, o cinzeno cede espaço para outras cores, as personagens libertam o melhor dos seus sentimentos, transmitindo essas percepções cromáticas aos nossos olhos:

Vê, no cinzeno de um muro, riscos vermelhos que trazem a marca da mão humana, a maneira de uma escrita que ele não consegue ler como lhe ensinou Irene, mas reconhece [...] vê folhas verdes curvadas por cima de um outro muro, o azul e o amarelo de umas roupas a secar, [...], vê cores por toda a parte, de uma bola abandonada [...] de uma pipa esvoaçando entre parede e parede, [...]. Há também cores nas placas que ele antes nem olhava por medo de ficar tonto com aquelas letras todas, impossíveis de entender, que ele agora olha de frente, reconhecendo palavras, toma posse da cidade, avança seguro e alegre pelas ruas que temia, não ousava percorrer, já enchendo-se de gente, de gritos, vozes e risos que Rosálio reconhece, e desembocam na praça onde a vida e a cor explodem, [...]. (REZENDE, 2014, p.137).

O ressurgimento das cores na vida desses indivíduos, reascende a chama da vida, eles se reinventaram e descobriram o melhor de si, motivados pelas histórias que alimenta as fantasias e sonhos. Através da ligação cromática no capítulo *vermelho e branco*, Rosálio conta como conseguiu a tiragem dos seus documentos, o seu batizado, o encontro com um grupo que, assim como ele, buscava ter acesso à escola, trabalho, saúde, moradia, alimentação, ou seja, o mínimo de dignidade.

Pensei que eu era sem-terra, com certeza, e sem dinheiro, sem destino, sem escola, sem saber pra onde ir [...] até chegar de manhã, num arraial de barracas cobertas de lona e estopa, com um mastro grande no centro, na ponta dele a bandeira vermelha com o miolo branco, dançando na ventania. O povo me recebeu como se eu fosse família, de botar qualquer recado, [...] fiquei sabendo que havia lei pra mudar tudo isso, mas que essa lei não vogava sem muita luta do povo pra fazer reforma agrária. [...] Ali existia escola, numa barraca bem grande, e nela qualquer pessoa, menino, mulher e homem, tinha direito a estudar. Pra mim parecia sonho quando a moça professora me botou na mão um lápis, me ensinou a segurar, me apresentou um caderno e riscou pra eu copiar a letra que principia o meu nome de Rosálio. Pensei que ali eu ficava pro resto da minha vida, que vinha a reforma agrária, que eu ia ser lavrador; que eu ia aprender a ler, ia vender meu produto, poder comprar muitos livros e quem sabe se algum dia eu ia ser professor. (REZENDE, 2014, p.152).

O vermelho visto na bandeira, mostra a esperança que ardia em seu coração como chama, aspirando ler e escrever, e o branco da paz em estar em lugar e sentir-se aceito, sem preconceitos na luta por sua identidade e sujeito da sua história. Aqui não há um dueto cromático, a autora colocando pistas a respeito deste capítulo, *azul sem fim*, quando Irene é lançada a sorte do seu destino.

Contemplamos, assim, no decurso do processo de construção das personagens, através das cores, as transições positivas. Irene, a guará vermelha, aguarda a chegada de Romualdo, de Rosálio

Que ele venha logo, agora, eu já não posso esperar, que venha logo e me alcance, Romualdo, Romualdo, não demore, já não posso, que alguma coisa se rompeu onde eu tinha o coração, Romualdo, chegue aqui, você veio me buscar?, com você eu vou, Rosálio, me solte no azul sem fim. (REZENDE, 2014, p.156).

Rosálio guarda em seu coração a presença viva da mulher que o acolheu, tratou como gente, deu o seu amor, lhe contou estórias, eternizou suas histórias no caderno, lhe ensinou a ler e escrever, a enxergar a vida de modo colorido, com cores mais vivas. Irene, na cor azul fixa no céu que o acompanha.

[...]é o destino que a vida, dele e de Irene, embolada, escreveu com pó de estrelas num papel azul sem fim: vou para o meio das praças, vou para o meio do mundo contar tudo o que já sei e mais as coisas que eu só posso conhecer quando disser, soltando minhas palavras, sem teto, laje ou telhado por cima de minha cabeça que me separe de Irene [...]. (REZENDE, 2014, p.157).

Dessa forma, conseguimos perceber o cromatismo a cada capítulo, os seus sentidos para cada situação e a sua importância no que tange aos acontecimentos e a vida das personagens, algumas tonalidades que se repetem, mas contextualizadas a cada situação, ganhando um novo significado. Para Kandinsky, (1996)

Os caracteres das cores simples que acabamos de passar em revista são, evidentemente, provisórios, tão elementares quanto os sentimentos a que essas cores correspondem (a alegria, a tristeza, etc). Esses sentimentos também são apenas estados materiais da alma. Mais sutis, tanto quanto as da música, são as nuances cromáticas. (KANDINSKY, 1996, p. 100)

Na literatura, assim como na pintura as sensações visuais, oferecidas pelo ambiente natural que nos rodeia permite despertar a nossa atenção em multivariadas cores, carregado de simbologia cultural, espiritual, de lembranças e de momentos únicos, enredado na escrita desta obra.

4 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E O PAPEL DA LITERATURA EM O VOO DA GUARÁ VERMELHA

Falta de acesso à educação de qualidade, baixos salários, falta de saneamento básico, de condições de moradia, desigualdade alimentar etc., realidades existentes no âmbito socioeconômico e político no território brasileiro. Parte disso, por influência do processo colonizador, do escravagismo, da má distribuição de renda, entre outras avarias sentidas até os dias atuais. Somos despontados a pensar segundo Boaventura de Sousa Santos “[...] através de linhas abissais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo “deste lado da linha” e o universo “do outro lado da linha” (2007, p.3). Essas distinções que caracterizam um lado da linha, ou seja, o lado invisível pode ser percebido mediante situações conflitantes vistas nas disparidades sociais acerca das desigualdades sociais, acarretando em muitos casos, desemprego, analfabetismo, exploração de mão de obra barata, prostituição, subalternidade, em meio a diversos descasos susceptíveis a população menos favorecida.

Os sujeitos passam a fazer parte de uma divisão de realidades sociais distanciando as estruturas no que tange a cultura, educação, sociedades, nas formas de conhecimento. Dessa forma, torna-se importante sob a ótica da realidade social contemporânea a ênfase dada por Santos em que

[...]esta realidade é tão verdadeira hoje como era no período colonial. O pensamento moderno ocidental continua a operar mediante linhas abissais que dividem o mundo humano do sub-humano[...] as colônias representam um modelo de exclusão radical que permanece actualmente no pensamento e práticas modernas ocidentais tal como aconteceu no ciclo colonial. Hoje, como então, a criação e ao mesmo tempo a negação do outro lado da linha fazem parte integrante de princípios e práticas hegemónicas. (SANTOS, 2007, p.10)

Posto isso, é possível observar na obra contemporânea de Maria Valéria Rezende, o papel por ela desempenhado. Com uma escrita situada, a autora aflora as nossas inquietações perante as necessidades de existência social, de participantes, devolutas dos direitos sociais como o acesso à educação formal, melhores condições de trabalho e de saúde e outros direitos básicos devidos, retratando problemas sociais nas personagens Rosálio e Irene por meio da ficção.

Percebe-se, com a obra, o papel social que ela desempenha, manifestando e denunciando de forma literária a realidade das questões de desigualdade social, “trazendo em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo porque faz viver.” (CANDIDO, 2004, p.176) Como leitores dentro desta narrativa somos postos em diferentes lugares e situações, os nossos olhos conseguem locomover-se criticamente numa leitura de mundo que não foge do atual, do próximo, do que é noticiado nas redes sociais, televisões, rádios, etc.

Em Rosálio, através de suas contações, ora beirando a fantasia, ora beirando o factual, podemos perceber sua (re)construção identitária ao longo de todo enredo. Já no início da narrativa é possível observar, de forma poética, como este personagem não se identifica com o local no qual está e o quanto sente-se preso, sozinho, sem família, amigos, numa aparente situação de abandono social.

Das fomes e vontades do corpo há muitos jeitos de se cuidar porque [...] quase todo o viver é isso, mas agora, crescentemente, é uma fome da alma que aperreia Rosálio, lá dentro, fome de palavras, de sentimentos e de gentes, fome que é assim uma sozinha inteira. (REZENDE, 2014, p. 09)

O conflito dá-se por um desejo de Rosálio, uma fome que o alimento palpável não é suficiente para supri-lo, é a fome de aprender a ler.

[...]a coisa que eu mais queria era aprender a ler livros, que quando o Bugre morresse e eu fosse um pouco maior ia sair pelo mundo por mor de aprender a ler, porque ali na nossa Grota ninguém podia ensinar [...] um dia o Bugre dormiu e nunca mais acordou, eu fiquei por muitos dias tão triste que até me dava vontade de desistir dessa vida assim sozinha [...] me voltava o pensamento de tanta história que ainda desconhecia e de novo me brotava o desejo de viver muito, de poder correr caminhos, caçando como aprender (REZENDE, 2014, p. 48-49).

Rosálio, entendia a literatura como ponto de libertação, ao ouvir a história de Dom Quixote contada pelo Bugre (índio que Rosálio considerava como um pai) percebe a importância da leitura e da literatura, e como elas podem contribuir no combate às injustiças, “aos dragões” que maltratam os inocentes.

Só Dom Quixote enxergava o que de fato existia por detrás das aparências de cada coisa que via, porque ele muito sabia, que vivia lendo livros, conhecia quase tudo que pode existir no mundo, coisas que enganam o sujeito que não for bem avisado[...]. (REZENDE, 2014, p. 25)

De modo geral, a obra rezendiana permite ao leitor/ouvinte, assumir uma expectativa que transpõe as páginas do romance, expandindo do ficcional para aquilo que lhe é peculiar, experienciado na cultura e na sociedade, referenciado nos detalhes dos ambientes físicos, das paisagens descritas e dos espaços psicológicos do enredo para além da literatura.

Dentro de um quarto de prostíbulo, lugar que Irene trabalha e ponto de encontro com Rosálio, ele discorre sobre sua infância e de não ter possuído um registro de nascimento, como também não fora batizado, assim o chamavam de “o pequeno” [...] e com o passar da idade, de “[...] Nem Ninguém” (REZENDE, 2014, p.22), este último apelido dado por sua avó quando ele chorava de fome.

Rosálio, preso as lembranças penosas de sua infância diante dessas situações de abandono e infelicidade em torno de seus pais e do lugar de onde veio, vai tecendo nas contações de histórias “[...]outro modo de contar a [...] vida, a que já tinha passado e o resto que ainda vinha [...]” (REZENDE, 2014, p.24), apresentando-se sem identidade definida. Morando dentro de uma área rural e quilombola em situação de miséria e sem acesso à escola, à educação.

Na Grotta dos Crioulos estavam pessoas condenadas ao abandono da vida, Rosálio, embora ligado pelas raízes familiares e culturais, opta por não se acomodar as realidades de sua terra, haja vista a sua busca em desembaraçar o novelo conflitante incidido na posição social dos moradores. Rosálio afirma que:

[...] à Grotta pertencia e tinha ali raiz funda impossível de arrancar, eu não, eu era dali mas também de qualquer parte por onde meu pai andasse, tinha a pele misturada das cores de toda a gente, [...]havia de ganhar o mundo, que o mundo inteiro era meu e minha cor, minha alforria.(REZENDE, 2014, p.24)

Ao lidar com a realidade social do lugar onde nasceu podemos, a partir da literatura de Rosálio, conhecer as condições vividas pelos moradores da Grotas dos Crioulos num contexto de miséria social e desprovidos de serviços públicos básicos (assistência social, educação, saúde, saneamento básico, etc.), a falta de infraestrutura é percebida na descrição feita pelo personagem acerca da construção da escola com recursos locais.

Um dia, João das Mulas voltou de sua viagem trazendo um papel dobrado, que ninguém podia ler mas aceitamos de prova daquilo que ele afirmava, que a mando da prefeitura era pra gente aprontar um canto a modo de escola que vinha uma professora viver ali e ensinar. [...] Resolveram construir a escola

mesmo de taipa, [...]cortando vara no mato, embira pra armar a casa, trazendo barro do rio pra preencher as paredes, subindo pelos coqueiros pra buscar palma pro telhado [...] a taipa toda branquinha, rebocada a tabatinga, com quatro palmos do chão pintados, como uma renda, com terra amarela e roxa, artes de Chico das Chagas, porta e janelas de esteira bem forte e grossa, em forra de sucupira, com muito sebo nos gonzos, fácil de abrir e fechar [...] Só não se pôde escrever o nome “escola”, na parede, do jeito que João das Mulas disse que era o costume, porque nem ele nem nós sabíamos nada de letras. (REZENDE, 2014, p. 50-51)

A professora Rosália chega à comunidade para a dar aulas na escola, Rosálio não pôde participar delas por não possuir uma certidão de nascimento. Contudo, tenta assistir as aulas por cima do telhado da escola, consegue aprender algumas canções. Passados alguns dias de estadia da professora na comunidade, ela precisa retornar a sua casa por sentir saudades de seu amado, da sua família. Dessa forma, a comunidade ficou novamente órfã de educação.

Rosálio se mostra insatisfeito com a situação do lugar e desejoso por romper o desconhecido, requerendo aprender a ler e escrever e ávido em torna-se um sujeito dono da sua história. Para essa partida desafiadora em busca de novos rumos e histórias, o protagonista adota uma nova identidade, torna-se Rosálio da Conceição, inspirado na professora Rosália que por seu lugar de origem passou. Ele parte levando sua caixa de livros com muito carinho, num forte desejo de um dia conseguir desfrutar desses bens guardados na caixa.

A bruta realidade engajada à vulnerabilidade social advinda do analfabetismo pode ser mirada na ingenuidade de Rosálio, o coloca exposto a trabalhos análogos a escravidão, atraído por falsas promessas e caindo em trabalhos de desmatamento ilegal, canavial e garimpo, sentindo as dores da fome e do medo da morte, consegue a muito custo, fugir desses ambientes inóspitos.

Irene, mulher posta aos sofrimentos amargurados da vida e da doença que contraíra em seu ofício de prostituta, contabiliza os seus dias de vida, magra e fraca ainda precisa manter-se no prostíbulo de onde retira o pouco dinheiro que consegue apurar para o seu filho e para a velha que ajuda com o menino. Ela sente-se rejeitada pela sociedade perante sua condição de mulher da vida e portadora de AIDS.

Contudo, num dos seus encontros com Rosálio e envolvida sentimentalmente por ele, consegue despertar em seu íntimo as lembranças de sua infância e adolescência, marcada pelas presenças masculinas do avô, de seu irmão Simão e do seu noivo Romualdo. A doença leva seu avô, o destino a separa de seu irmão,

assentada a solidude sem seu noivo Romualdo, compreende a prostituição enquanto trabalho, meio de sobreviver em suas baixas condições socioeconômicas.

Para Irene, a morte seria um descanso, mas a responsabilidade de viver e a necessidade de perseverar pelo compromisso de sustentar o filho e a velha: “Irene não pode ir embora, não é livre para morrer” (REZENDE, 2014, p.35).

Esses protagonistas oprimidos, desterrados e marcados profundamente pela injustiça e desigualdade social, fazem parte de uma significativa parcela da população sem acesso a condições mínimas de dignidade e cidadania. Porém, se redescobrem e a literatura tem um papel relevante pois crava através do afeto e da paixão pelas palavras, pelas histórias e pelos livros, a esperança.

Consoante a perspectiva de Candido (2004) a literatura possibilita “[...]dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela organiza, nos liberta dos caos e, portanto, nos humaniza.” (CANDIDO, 2004, p. 186). O vínculo que os aproxima está nas histórias contadas por Rosálio, produto da cultura popular com um caráter de resistência à dominação, assim, engendram suas histórias calcados na fantasia e na ilustração cromática expressa em momentos, símbolos, objetos e sentimentos.

Carrega consigo, desde de criança, o dom de transcender a imaginação do próximo com as palavras oralizadas, a partir de suas experiencias ou que tenha ouvido alguém lhe contar. Trouxe isso de sua comunidade Grota dos Crioulos e na cidade grande planeja assim que for alfabetizado viver financeiramente da arte de contar histórias. Neste cenário, Amaral et al. (2019) reconhece que “[...] o ser humano, embora viva em sociedade e tenha uma cultura própria, não (...) deve ser indiferente a eles, uma vez que a necessidade de convivência estimula a transmissão de culturas entre os ecossistemas.” (AMARAL et al., 2019, p.11)

Enquanto Rosálio transita por diversas fases e profissões algumas em condições de insalubridade, rotulado por sua condição de analfabeto, moldado de ingenuidade sem malícia, com efeito é iludido de várias formas. Dentre as concepções de sujeitos propostas por Hall (2005) podem-se detalhar a conceitualização da identidade do sujeito pós-moderno:

[...] conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2005, p.12- 13).

Constatando-se a posição de sujeito não definitivo a partir do momento que ele se constrói e que aceita. *O voo da guara vermelha* produz sujeitos com suas identidades representativas complexas, dirigindo o leitor a observar sob uma ótica política reflexiva.

Irene desloca-se por várias identidades no transcorrer da narrativa: mulher, prostituta e mãe, como forma de escapismo encontra nas contações de histórias um outro lugar. Ela permite se enxergar como professora e escritora, ensinando esse homem a ler e a escrever, compreendendo a partir das contações um jogo de significados e de sentidos para a vida de ambos, transcrevendo em seu caderno essas memórias que não serão apagadas.

Diante desses aspectos, Almeida e Azevedo (2019) nos levam a depreender que “[...] a educação constitui um conjunto de saberes que se caracterizam muito mais por processos assimétricos do que simétricos, ou seja, orientados, sobretudo, pelas diferenças dos sujeitos aprendentes.” (ALMEIDA; AZEVEDO, 2019, p.45) numa modalidade de ensinar/aprender de forma atrativa, conhecendo e reconhecendo o mundo pelas palavras faladas e escritas. O fragmento abaixo realça a alegria dada a autonomia das personagens, num processo de transformação diante do campo social hegemônico

Rosálio pede à mulher o livro que ela guardou e sai procurando nele mais palavras que já sabe, lembra como a avó cosia suas colchas de retalhos, juntando pedaços soltos, formando um desenho novo que ela tinha na cabeça, como ele, no pensamento, tem um sem-fim de palavras, descobre como se faz para inventar mais escritas, garimpando na memória retalhos para costurar um no outro e ver nascer outros sentidos que possa desenrolar no papel e um dia vão chamar outros, até completar histórias e fazer seu próprio livro. (REZENDE, 2014, p. 68-69)

Irene recria para si uma identidade feminina que possa ser representada em sua diversidade e pluralidade. Podemos dizer que vencendo os limites da inferioridade e transcendendo o poder da linguagem, imerge nas linhas do seu caderno tecedura das palavras, simbolizando com as cores uma liberdade de escritora para construir os personagens de um dos causos de Rosálio:

[...] deixa uma página em branco porque ali quer escrever a cantiga doce e triste que seu homem aprendeu do santeiro João dos Ais e, na página seguinte, põe-se a escrever o romance da pobre e louca Floripes, passa um tempão entretida, inventa a cor do vestido de Floripes na janela, amarelo como a acácia chamada chuva-de-ouro, depois, no dia da festa, quando fugiu

na garupa do tal sanfoneiro andante, veste a mulher de encarnado, cor de sangue e de paixão. (REZENDE, 2014, p. 91)

A cada nova descoberta de possibilidades, aos poucos, as cores permitem dar sentido as personagens que descobrem um brilho de dignidade, liberdade. Conseguem, com o apoio da literatura fomentada na voz habilidosa de Rosálio, desprender-se dos estigmas sociais. Rosálio entende a importância significativa de Irene para alcançar seu objetivo de aprender a ler e de descobrir um sentimento muito forte e afetivo: “[...] também por primeira vez tem o amor de uma mulher em quem pode confiar, que não o quer pôr dinheiro e já não o manda embora, já sabe ler tanta coisa e sabe que o resto aprende” (REZENDE, 2014, p. 126).

Poeticamente, esse vínculo evidencia um ato humanizador de companheirismo estimulado pela luta contra o afogamento social visível no contexto histórico da sociedade brasileira. A este respeito, Almeida (2014) argumenta que “[...] numa espécie de ecologia humana, que nos faz pensar, assim como pensamos na preservação do meio ambiente, pensar também na preservação do corpo e do espírito [...]” (ALMEIDA, 2014, p.297) Esse elo permitiu um amadurecimento sentimental e intelectual antes perdidos em frente as condições sociais.

Irene desabrochou em si um novo sentido no campo da educação e da solidariedade, esses momentos vividos ao lado de Rosálio trouxeram leveza, cores para o seus dias e a permissão de ser amada como mulher.

Está feliz [...] enchendo-se de vestidos que ela nunca mais vai pôr, vai dar para suas colegas que ainda têm um futuro nessa sua profissão, que ele agora quer espaço para a roupa de seu homem, seu homem!, [...] Ah! Irene, que loucura, bem você, que era tão dura, desencantada de tudo, que de todo amor zombava, como é que agora ficou assim tão tola e singela, acreditando em enredo que até parece novela que a gente sabe que é falsa (REZENDE, 2014, p. 125 - 126)

Rosálio consegue enxergar as letras, estava em Irene a chave que abriria a caixa dos livros, permite ressignificar a vida de outras pessoas, mostrar o poder mágico das histórias pois “[...] sabe bem que o povo quer alegria, quer rir e chorar sentido, escapar do todo dia tão apressado e cinzento, quer provar da vida livre quando ouvir suas palavras[...]” (REZENDE,2014, p.126). Sentem-se novamente seres humanos, num estado vivido e pulsante, afim de restaurar a imaginação e a sensibilidade em outras pessoas num azul sem-fim.

A narrativa transforma realidades invisíveis em elementos discursivos que interligam níveis linguísticos e estéticos, construindo um enredo narrativo num cruzamento político e poético. Tendo em vista que essas personagens buscam por suas identidades, para se configurarem como sujeitos da sociedade contemporânea. Sobretudo, percebe-se que o trabalho literário acontece não somente pela reprodução, mas pela ação, tencionando como um meio de envolver seus leitores na luta por mudança, justiça e igualdade social.

5 CONCLUSÃO

O voo da guara vermelha é uma obra prima que exala a fusão da experiência com a literatura. Desperta o nosso desejo diante das realidades apresentadas na narrativa com temas universais tais como migração interna, exploração do trabalho escravo, prostituição, doença e pobreza, entre outras questões compreendidas a partir dos múltiplos olhares.

Em uma leitura despreziosa somos levados a nos emocionar com as histórias de vida de Irene e Rosálio. Temos inicialmente a representação de sujeitos presos ao marasmo do cinzento. Ambientados na redoma da cidade grande enxergam-se engaiolados na solidão e na necessidade de trabalhar. Percebemos a surpreendente história de vida entorno de suas subjetividades envolvidas nas contações de histórias fruto de suas experiências, lembranças.

Surge desse aspecto a relação entre fala e escrita. Rosálio cativa Irene com a suas contações de histórias, ela chama a atenção do homem por ser saber ler e escrever. Essas personagens vão apresentando suas percepções sobre tudo o que vê e todas as situações que vivem, os caminhos percorridos, as violências sofridas, em certas situações vão misturando a fantasia com a realidade numa visão sociocultural e psicológica que auxilia na ambientação do leitor.

Este estudo, de forma geral, concedeu observar, diante da perspectiva cromática, a produção de prováveis significados em relação as cores presentes nos capítulos. Em cada capítulo temos percepções interligadas as visões culturais o que contribuiu em alguns casos para a compreensão simbólica inerente aos ambientes, aos sentimentos, as roupas, etc. Estimulando vibrações psíquicas correspondendo ao contexto inserido.

A abertura dos capítulos se inicia do capítulo 'cinzento e encarnado', representado pelo encontro de Rosálio carregado do cinzento e Irene trajada num vestido encarnado, o efeito desse encontro é atribuído ao (re)descobrimento, pois a partir dele surgem outras cores, entre elas cores conhecidas e cores pouco vistas. Assim, essas nuances cromáticas vinculadas ao enredo podem representar os sentimentos, as memórias de infância, as aventuras, os processos de lutas, ambientes, entre outros acontecimentos em que as cores transitam. Por exemplo, ao Rosálio contar sobre as situações vividas no garimpo o título do capítulo dá-se pelo

ouro e ocre, assemelhando-se ao marrom da terra e ao ouro lá presente, discorre sobre as situações calamitosas lá vistas.

Partindo para as contribuições da semiótica americana de Charles Sanders Peirce, que possibilitaram compreender os processos fenomenológicos atribuídos às categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade imbricadas em *O voo da guara vermelha*. Através do percurso semiótico traçado dentro texto e para além dele ao observamos os fenômenos atribuídos à construção de sentidos e significados diante de nossa interpretação sígnicas nos campos sociais e ideológicos. Com a organização dos elementos narrativos percorremos a primeiridade de maneira espontânea e imediata, depois passou-se pela secundidade experienciando a construção do signo em sua materialidade, para assim chegarmos a terceiridade no que tange a interpretação da obra e dos elementos ali presentes.

Examinando o sentido das cores, as nuances sociais, visualizando os indícios de rachaduras traumáticas produzidas por poderes hegemônicos em diferentes esferas sociais. O discurso construído pela narrativa evoca questões políticas, sociais e culturais em torno da miséria humana. Tendo em vista que esta literatura se compromete socialmente com as realidade sociais dos oprimidos, expondo as consequências da desigualdade social e das diferenças de classe e de gênero, certamente, provocará no leitor reflexões que abrangem o campo da Ecologia Humana, propiciada pela relação humano-ambiente.

Partindo do campo representativo de sujeitos distantes do eixo dominante, a escritora Maria Valéria Rezende indiscutivelmente estrutura sua obra de forma dinâmica, denunciatória e transformadora.

Nesta perspectiva, compreendemos em como *O voo da guará vermelha* enseja em sua literariedade revelar suas possíveis reflexões no âmbito social, na precariedade humana diante de um posicionamento real de histórias reais ligadas ao contexto narrativo das misérias e desgraças que acometem os sujeitos vulneráveis dentro da sociedade nos vários Rosálios e Irenes espalhados por este Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. do S. P. de; SOUZA, A. L. A. (org.). **Perspectivas semiótica**. Catu: Bordô-Grená, 2020.

ALMEIDA, M. do S. P. de. **Interfaces da Natureza em Grande Sertão: Veredas - um olhar ecocrítico**. 2014. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba.

ALMEIDA, M. S. P. ; AZEVEDO, S. L. M. . **Educação e Interdisciplinaridade entre Territórios e Fronteiras Socioculturais em Contos Negreiros, de Marcelino Freire**. *Ecologias Humanas: Revista da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana*, v. 3, p. 1-11, 2019.

AMARAL, A. R. P. et al. **A Ecologia Humana e sua relação com a Sociosfera, Ecosfera E Psicofera**. *Ecologias Humanas: Revista da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana*, v. 5, p. 8-16, 2019.

Boaventura de Sousa Santos. **Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes**. *Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]*, 78 | outubro 2007. Disponível: <http://journals.openedition.org/rccs/753>. Acesso em: 01 mar. 2023

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense*, 1989.

_____. **O Direito à literatura**. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2004. v. 1. 148p .

GOETHE, J. W. **Doutrina das cores** . São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. p.58

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte: e na pintura em particular**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

KNAPP, Gregory. **Ecología humana** (trad. P espanhol por. por John Jairo Alzate Alvarez.) in AINKAA **Revista de Estudantes de Ciencia Política**, 2(3) (jan-junho 2018). Medellín: Universidad Nacional de Colômbia - 2018. Disponível em: https://cienciashumanasyeconomicas.medellin.unal.edu.co/Boletin-2018/1/4_Human_ecology.pdf. Acesso em: 03 mar. 2023

KOPS, C. R. R. **Goethe e Newton: a teoria das cores para a discussão entre arte e ciência**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Programa de PósGraduação em Ensino de Ciência e Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4980/1/goethenewtonteoriacores.pdf>.

Acesso em: 20 jan. 2023.

MELO JÚNIOR, Maurício. O irrevogável sonho da revolução. In SANT'ANA Renata Cristina **O sertão e a cidade no universo feminino de Maria Valéria Rezende**.

Tese de doutorado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/12099/1/renatacristinasantana.pdf>.

Acesso em: 10 jan. 2022.

MELO, Desirée Paschoal de; MELO, Venise Paschoal de. **Uma introdução à semiótica peirceana**. Paraná: UNICENTRO, 2015.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica & literatura**. 6a ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

POSSEBON, Ennio L. **A Teoria das Cores de Goethe**. 2014.

REZENDE, Maria Valéria. **O voo da guará vermelha**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. 158 p.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

_____. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2007.

ZYLBERGLEJD, Raissa. **A influência das cores nas decisões dos consumidores**. 2017. 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Engenharia de Produção) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em:< <http://repositorio.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10023496.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2022.